



Propostas para um Itinerário cultural no Douro

Maria Olinda Rodrigues Santana *

José Moreira **

Rosa Monteiro ***

Mónica Dinis ***

Resumo: nesta comunicação, procura perceber-se a importância e a utilidade dos roteiros culturais, com especial incidência, na Região do Douro.

Após uma indagação em torno da promoção e elaboração dos materiais culturais disponíveis para a região duriense, constatou-se que há necessidade de precisar quais devem ser as entidades públicas e privadas capazes de formar equipas de especialistas de domínios transversais, com vista à construção dos ditos roteiros.

Partindo de uma definição de Itinerário Cultural, tenta demonstrar-se por que razão o Douro é um Itinerário Cultural de eleição em Portugal e no mundo.

Abstract: within this communication we try to understand the usefulness and the purpose of cultural guide books focusing, in particular, the Douro region.

Subsequent to an inquest on the promotion and the making of cultural material available for Douro, we came across the need to define which should be the public and private entities that could form teams of experts in numerous domains. These teams would create the referred guide books.

Having defined Cultural Itinerary, we will try to demonstrate the reason why Douro is an exquisite Cultural Itinerary in Portugal and in the world.

Résumé: dans cette communication, nous essayerons de comprendre l'importance et l'utilité des guides culturels, spécialement, dans la région du Douro.

* Professora Associada, Departamento de Letras - UTAD.

** Pós-graduado em Tradução, Departamento de Letras - UTAD.

*** Pós-graduada em Tradução, Departamento de Letras - UTAD.

Après une recherche sur la promotion et l'élaboration des matériaux culturels, disponibles dans la région du Douro, nous avons constaté qu'il faut préciser qu'elles doivent être les entités publiques ou privées capables de former des équipes de spécialistes, de divers domaines, afin de construire les tels guides.

En partant d'une définition d'Itinéraire Culturel, nous tenterons démontrer pour quelle raison le Douro serait l'itinéraire culturel préféré au Portugal et dans le monde.

Breve introdução

A nossa comunicação nasceu do diálogo de quatro pessoas à volta de uma questão inicial: qual a importância e a utilidade dos roteiros culturais para a Região do Alto Douro Vinhateiro?

Depois de uma variada pesquisa bibliográfica, essencialmente, sobre as ofertas culturais existentes ou em curso para o Vale do Douro¹ e da nossa própria reflexão sobre o assunto, aportámos, natural e inevitavelmente, a três braços conceituais convergentes: turismo cultural, rota ou itinerário cultural e Património Mundial.

Desenvolvemos o nosso texto tentando encontrar uma definição e uma justificação para cada uma das noções ilustrando sempre que possível com o património de eleição – o Alto Douro Vinhateiro.

1. Turismo cultural

O turismo cultural e seu associado – o património – está em voga em toda a Europa e é frequentemente invocado como estratégia de regeneração das urbes e zonas rurais.

Para compreender bem este fenómeno é preciso perceber, ainda que em traços largos, o que é o turismo.

As origens do turismo são remotas. As formas mais ancestrais vêm desde a Antiguidade (sendo Heródoto considerado um dos primeiros – que hoje chamamos – escritores de viagem)². Mas é, sobretudo, no séc. XVIII que as viagens culturais se instituem com o chamado *Grand Tour*, viagem pela Europa (França, Suíça e, naturalmente, a Itália, país de eleição), que as aristocracias francesa e, sobretudo, inglesa faziam aos grandes locais históricos, artísticos e naturais, com fins educacionais.

¹ A Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte (CCDRN) elaborou um Plano de Desenvolvimento Turístico do Vale do Douro (PDTVD), a Agência Portuguesa para o Investimento também realizou um Dossiê de Turismo no Vale do Douro (TVD), não abordando, no entanto, o património cultural da região.

² Lembre-se a propósito os relatos das viagens feitas por Montaigne, por exemplo, a Itália nos seus ensaios. Montaigne: *Essais (III)*. Saint-Ammand (Cher): Presses Imprimerie Bussière, 1965.



Há mesmo quem pense que o património cultural³ é um dos mais antigos e importantes elementos geradores de turismo. Segundo alguns autores a principal motivação da viagem pode ser de vários tipos: prazer, profissional, entre outros. A cultura, por seu turno, constitui uma motivação, para a viagem dentro da classificação maior que é “a viagem por prazer”⁴.

Se o turismo cultural está ligado ao património, então de que “património” falamos? O termo latino *patrimonium*, associado aos bens materiais da família, evoluiu para um conceito colectivo de bem comum, símbolo de uma nação. Como diz Audreie “un bien commun de la nation, à la fois témoignage physique de son histoire et image de son identité”⁵. O património traduz, portanto, a preocupação do presente e o desejo de reconhecimento do passado, assumindo-se como factor fundamental de identidade.

No começo deste primeiro item, dissemos que o turismo cultural é utilizado pelas autoridades públicas, como uma forma de regeneração de zonas subdesenvolvidas e, como tal, o património cultural, do qual esse turismo depende, é um recurso económico que implica comportamentos de produção, de consumo, de investimento e de conservação. É neste ponto que se ata o nó da importância e utilidade dos roteiros culturais. Esta importância e utilidade dos roteiros nasce, justamente, do facto que sendo bens que dispensam saber e prazer, precisam de ser fabricados e embalados a fim de serem difundidos, tendo em vista o seu consumo como produto cultural. A utilidade e a importância radicam precisamente aqui. Neste prisma, as rotas ou itinerários culturais são um sistema de compactação de recursos e/ou de produtos que conferem conteúdos culturais aos lugares visitados, concedendo assim distinção, isto é, um sinal de prestígio social aos visitantes que os percorrem e concomitante aquisição de conhecimentos e redistribuição económica.

O ministro francês do turismo Alain Madelin declara em 1986 que “O nosso património deve vender-se e promover-se com os mesmos argumentos e as mesmas técnicas que fizeram o sucesso do parque de atracções”⁶, ou seja, o recurso deve transformar-se em produto e é para isso que serve a elaboração de roteiros, para sistematizar um bem cultural e “vendê-lo”. Por isso e porque não se trata de um

³ Pode designar genericamente os bens de uma comunidade legados de geração em geração e que tornam essa comunidade diferente de todas as outras.

⁴ GONÇALVES, Alexandra Rodrigues – *A componente cultural do Turismo Urbano como oferta complementar ao produto “sol e praia” – O Caso de Faro e Silves*. Lisboa: Gabinete de Estudos e Prospectiva Económica / Instituto de Financiamento e Apoio ao Turismo, 2003, p. 34.

⁵ Citado por Alexandra Rodrigues Gonçalves no artigo anteriormente referido, p. 35.

⁶ Citado por GONÇALVES, Alexandra Rodrigues - *Ob. cit.*, p. 44

qualquer bem, quais são as entidades mais preparadas para tratar do marketing deste produto, concretizando, entre outros *modus operandi*, nos roteiros culturais? Este é o segundo ponto da nossa reflexão.

Que tipo de organismos são capazes de associar turismo a património, de juntar indústria de turismo com indústria da cultura?

Que competências implica? Quem detém este saber-fazer? Que grau de competências culturais se pedem ao turista?

Não é fácil a resposta porque não há, ainda, estudos transversais sobre o assunto. Porém, emitiremos mais adiante a nossa opinião sobre estas questões.

2. Rota ou itinerário cultural

O fundamento de um roteiro como produto turístico cultural tem a ver com o seu percurso ou caminho, bem como com o conteúdo particular de cada uma das ligações que o articulam.

O Alto Douro Vinhateiro é um corredor histórico e é, inclusivamente, na definição de Begoña Bernal de Santa Olalla⁷ um itinerário cultural, porque, do ponto de vista científico, é um caminho com base territorial real, objectivo e fisicamente identificável.

Os conceitos de rota e de itinerário culturais assentam, portanto, na existência de um espaço real, com história.

Na opinião da já citada autora, o “valor cultural de elementos materiais e intangíveis em todos os lugares onde se cultivava a vinha e se produz vinho constitui um importante veículo de união e amizade que pode, sem dúvida, ser aproveitado para criar percursos turísticos de grande interesse geográfico e sociocultural”⁸. Envolvendo, igualmente, uma modificação da escala da valoração e do reconhecimento do património cultural. É através desses itinerários ou rotas culturais que a identidade dos diferentes povos manifesta uma dimensão que ultrapassa o local e o regional, para se reflectir no contexto universal.

Ora, na nossa opinião, o Alto Douro Vinhateiro é uma rota cultural ou um itinerário cultural, no sentido dado por Santa Olalla⁹, porque implica:

- um vinhedo com personalidade própria,
- um bairro vinícola especializado (entrepasto de Gaia),

⁷ SANTA OLALLA, Begoña de - Imágenes y paisajes de la vid y el vino ? Bases para un itinerario cultural? In *Douro - Estudos & Documentos*, vol. VII (14), 2002 (4.º) 223-236.

⁸ Idem, *Ibidem*, p. 232.

⁹ Idem, *Ibidem*, p. 234.



- uma metrópole urbana (Cidade do Porto),
- um eixo unificador (Rio Douro e barco rabelo),
- vários povos: portugueses, galegos, ingleses, holandeses, flamengos,
- uma marca da portugalidade,
- uma terminologia vitícola enriquecedora da língua portuguesa (neologismos ingleses: *Vintage, Tawny, Ruby, Grapy; Taylor's, Offley, Graham, etc.*)

Em suma, depois de descrita, ou seja, após terem sido encontrados os seus pontos essenciais, acima indicados, a rota do Alto Douro Vinhateiro foi identificada como um valor patrimonial e declarada como um itinerário cultural, pelo seu cunho excepcional foi incluído na lista dos Patrimónios Mundiais, em 2001.

3. Douro: Património Mundial

O Alto Douro Vinhateiro está consignado na lista dos Patrimónios Mundiais classificados pela Unesco, desde 14 de Dezembro de 2001, na categoria de “paisagem cultural evolutiva e viva”.

O dossiê de “justificação de inscrição”¹⁰ do bem responde e descreve cabalmente esta definição, por se tratar de um bem excepcional e autêntico e não se aplicar a um uso superficial do conceito património cultural.

A demonstração já está feita e, acima de tudo, aceite por organismos tutelares, não somos nós que vamos comprovar o que já está atestado.

Com efeito, através da candidatura da paisagem cultural do Alto Douro Vinhateiro, apresentada pela Fundação Rei Afonso Henriques, aspirava-se ao reconhecimento do valor excepcional e universal da paisagem vitícola Duriense, dentro dos critérios de classificação, previstos na convenção do Património Cultural e Natural. Assim, evidenciaram-se três aspectos principais:

- o carácter único da relação dos elementos naturais: água, solo e território acidentado;
- a vinha, cultura por excelência, as oliveiras e as amendoeiras;
- a arquitectura vernacular.

Para além destes três aspectos, pesaram ainda, e muito, a antiguidade da Região Demarcada, os terraços e o cruzamento de culturas, que aí ocorreu.

¹⁰ MANSILHA, Armando – Justificação da Inscrição. In *Alto Douro Vinhateiro: Património Mundial*. Revista Semestral, Dez. Ano 2002, p. 136-147.

O Douro é, portanto, um *mosaico* de culturas, matos, linhas de água, aglomerados e assentos agrícolas, sendo sinónimo de:

- socalcos,
- paisagens ilustrativas dos mais diversos períodos da história humana,
- corredor histórico,
- vinha,
- oliveira,
- amendoeira,
- horta,
- pomar.

A Região Demarcada é, indubitavelmente, a prova e a expressão singular da relação do Homem com os elementos culturais, é uma “obra conjugada da natureza e do Homem”¹¹. E é essa relação que nos permite afirmar que o Douro é uma paisagem cultural evolutiva viva.

Quais são, então, os elementos naturais que encontramos no Douro e que evoluíram pelas mãos do Homem?

Entre muitos outros, poderemos lobrigar:

- vales encaixados,
- declives acentuados,
- antrossolos¹²,
- escassez de água,
- precipitação reduzida,
- diferentes habitats naturais,
- a cultura mediterrânica: vinha, oliveira e amendoeira,
- luz,
- cor,
- som e silêncio,
- cheiros.

No que concerne os aspectos culturais, podemos contemplar:

- povoados (Lamego, Régua, Pinhão, São João da Pesqueira, São Xisto, etc.),

¹¹ “A candidatura da Paisagem Cultural do Alto Douro Vinhateiro (ADV) para inscrição na lista do Património Mundial da Unesco” In, *Ob. cit.*, p. 127-199.

¹² “As formações geológicas do Alto Douro” constituídas, sobretudo, por “xistos e intrusões graníticas”, sendo os solos quase inexistentes e, em consequência disso, fabricados pelo homem. In, *Ob. cit.*, p. 148.



- padrão da paisagem, isto é, o trabalho conjunto da natureza e do homem,
- acessibilidade do rio,
- caminho-de-ferro,
- referências na paisagem (quintas e casais),
- sagrado (igrejas, capelas, alminhas, cultura cisterciense, etc.),
- muros (sucessão de muros de xisto).

São estas características tão peculiares que fazem do Douro um Património Mundial, um Património de eleição para os portugueses e para o mundo.

Percebido este ponto de vista, trata-se de analisar como podemos articular este bem patrimonial, como itinerário cultural de eleição, partindo da definição de turismo de Fortuna em que “o turismo é uma manifestação cultural e política particular da modernidade, que concretiza o desejo de evasão e o prazer emocional dos sujeitos pela atenuação dos constrangimentos sociais e a exaltação da fantasia”¹³. Exaltação da fantasia e celebração do prazer entendidas como premeditações inteligentes que nos levam a abrir ao mundo.

Recolhemos várias ideias sobre o Douro ligadas aos motivos emocionais que suscitam a vontade dos turistas de vivenciarem o silêncio, a contemplação, a suspensão, a intuspecção, despertando nos mesmos apetências estéticas aliadas à paleta cromática, à dimensão cénica, entre outras.

As supracitadas potencialidades do Douro são aludidas por vários autores.

Armando Miro declara que “viver o Douro não tem a ver com a rapidez, tem a ver com contemplação, êxtase e poesia”¹⁴.

Ricardo Magalhães considera que “o elevadíssimo valor cénico da paisagem é um trunfo, um enorme recurso estratégico”¹⁵.

O artista plástico Nuno Castelo¹⁶ no texto “a visão que o Douro me transmite” recupera a ideia de Urry¹⁷ de que a imagem é o principal ingrediente do acto turístico.

¹³ Citado por GONÇALVES, Alexandra Rodrigues – *Ob. cit.*, p. 83.

¹⁴ Douro, património mundial. Que fazer? In *Encontros na Casa da Calçada: O Douro em Debate, Actas II, Cadernos da Revista Douro – Estudos & Documentos*, 1999, p. 69

¹⁵ O Douro na encruzilhada da regionalização. In *Encontros na Casa da Calçada: O Douro em Debate, Actas I, Cadernos da Revista Douro – Estudos & Documentos*, 1998, p. 71.

¹⁶ CASTELO, Nuno – A visão que o Douro me transmite. In *Douro – Estudos & Documentos*, vol. VII (14), 2002 (4º) 181-183.

¹⁷ Cit. por GONÇALVES, Alexandra Rodrigues – *Ob. cit.*, p.100.

Como mercadorizar (*merchandising*) o Douro, para além do vinho, do azeite, da amêndoa, ou seja, do conhecido?

Na nossa opinião é preciso mostrar outro Douro, um Douro propiciador de silêncio, de encantamento, de bem-estar. Actualmente, vive-se numa *patologia da sobrecarga*, ou seja, mentalmente somos bombardeados por informações que nos atordoam, por isso é imperativo libertar as emoções, dar lugar a novos prazeres (encontrar silêncios inesperados, pausas reparadoras, enlevar-se na paisagem, captar as cores, os cheiros, os sabores durienses). Trata-se agora de mercadorizar este Douro.

4. Sugestões...

Com esta comunicação pretendemos tão-só lançar um repto às possíveis entidades promotoras da elaboração de roteiros culturais para o Douro, respondendo à questão lançada no ponto 1 – *Que tipo de organismos são capazes de associar turismo a património, de juntar indústria de turismo com indústria da cultura?*

Queremos indicar, à laia de sugestão, algumas possíveis actividades culturais que consideramos importantes na inclusão de futuras Rotas Culturais, como está a ser efectuado, a título de exemplo, pela Rota do Vinho do Porto – Associação de Aderentes¹⁸. Esta Rota tem vindo a desenvolver actividades de relevo tais como: festa das vindimas, recitais de poesia, programa “Aprender a Vindimar”, implementação dos Laboratórios de Sabores entre outras.

Na peugada da citada Rota, julgamos importante a organização de saraus, roteiros, caminhos literários e culturais com declamação de poesia e prosa de autores que escreveram e escrevem sobre a região (João de Araújo Correia, Eça de Queiroz, Miguel Torga, Camilo de Araújo Correia, António Cabral entre outros) nos diversos braços do corredor histórico (Porto, Tormes, Régua, Pinhão, Lamego, Vila Real, etc.).

As obras “Viajar com ... os Caminhos da Literatura” editadas pela Delegação Regional da Cultural do Norte – surgiram de um projecto de organizar roteiros

¹⁸ Criada, inicialmente pelo Instituto do Vinho do Porto, em 1992, formalmente instituída a 3 de Agosto de 1995, pelo mesmo Instituto, a Casa do Douro e Organismos Regionais e Locais de Turismo. Posteriormente, a 8 de Maio de 1998, passou a uma Associação de Aderentes. Esta Associação tem como principais objectivos: o apoio aos associados, o desenvolvimento e promoção da RVP, a obtenção de fundos (...), a divulgação, a defesa dos seus interesses específicos e de genuinidade dos produtos regionais, a colaboração com entidades públicas ou privadas de relevante interesse para a Rota, a especificação de condições dos níveis de qualidade e serviços a prestar, a manutenção e funcionamento dos serviços convenientes de apoio aos associados entre os quais marcações, reservas e atendimento; o incentivo e mesmo execução de iniciativas culturais, desportivas, folclóricas ou artesanais, devidamente estudadas e tidas por convenientes (Ribas 2002: 314).



literários à volta de escritores ligados à Região Norte – constituem essas obras materiais de apoio à realização de roteiros culturais e literários que poderiam, eventualmente, ser acompanhados de tradução em diversas línguas (francês, inglês, castelhano, alemão entre outras).

Poderiam ainda ser organizados concertos musicais. Tenha-se presente todo o trabalho que tem sido efectuado pela Fundação da Casa de Mateus.

Poderiam ser preparadas representações teatrais em espaços ligados à viticultura e à actividade rural em geral – pense-se no longo trabalho desenvolvido pelo grupo Filandorra e na programação do recente Teatro Municipal de Vila Real, a título de mero exemplo.

Seria igualmente importante realizar exposições de pintura, escultura, arquitectura, fotografia, materiais etnográficos ligados à viticultura (por exemplo, Museu do Douro - exposição *Jardins Suspensos*), projecções filmicas e multimédia, entre outros, em espaços rurais: adegas, lagares, eiras, pátios, miradouros, adros, etc.

Poderíamos pensar na constituição de uma equipa multidisciplinar capaz de dinamizar actividades relacionadas com as origens da produção vinícola, propondo a recriação histórica da época romana no âmbito da cultura e transformação do vinho, dando a conhecer a rota cisterciense do Vale do Douro.

Creemos que a extensão comunitária deve ser exercida em toda a sua amplitude pelas duas entidades académicas mais directamente ligadas à região do Alto Douro – a Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro e a Universidade de Porto. Estes dois pólos de investigação fundamental e de formação avançada por excelência devem ser os elementos congregadores de todas as instituições públicas (CCDRN, Delegação Regional da Cultura do Norte, Governos Cívicos, Câmaras Municipais, Museus, Bibliotecas, Teatros, etc.) e privadas (Editoras, Agentes Turísticos – *Douro Azul* –, Associações Empresariais, Associações Locais, Centros Culturais – como por exemplo, a Casa de Mateus, entre muitas outras) com interesses diversificados na região.

A UTAD está a desenvolver cursos de formação avançada (pós-graduação e mestrado) em conjugação com as entidades anteriormente referidas. No ano lectivo de 2005-06, estará em funcionamento um *Curso de Pós-Graduação em Gestão de Rotas Temáticas*, co-financiado pela Acção Integrada de Base Territorial do Douro (AIBT – Empregabilidade, Medida 2.5). Este projecto tem como objectivo dar resposta a um convite público lançado pela CCDRN, respeitante à “Promoção e Dinamização de Rotas Temáticas”¹⁹. No mesmo âmbito, ou seja, para satisfazer as necessidades de formação avançada e afirmação profissional nas múltiplas áreas da actividade turística foi criado na UTAD o *Curso de Mestrado e Pós-graduação em*

Turismo: Recursos Locais e Desenvolvimento, que entrará em funcionamento, igualmente, no próximo ano lectivo.

As formações avançadas na área transversal do turismo e, em particular, do turismo no Douro poderão vir a colmatar uma lacuna existente na região, desenvolvendo as competências dos profissionais implicados nos trabalhos de promoção e dinamização, a título ilustrativo, das Rotas do Vinho e do Azeite nos mais variados sectores (acolhimento, gestão, promoção, animação, preservação, etc.)

O que importa, no entanto, é a procura de um propósito comum: a preservação de um “bem excepcional e autêntico”, de um Património classificado pela Unesco como “paisagem cultural evolutiva e viva”.

Bibliografia citada

- CASTELO, Nuno – A visão que o Douro me transmite. In *Douro – Estudos & Documentos*, Vol. VII (14), 2002 (4^o) 181-183.
- CCRN – *Programa Operacional da Região Norte: Complemento de Programação*. Porto: Autor, 2002.
- GONÇALVES, Alexandra Rodrigues – *A componente cultural do Turismo Urbano como oferta complementar ao produto “sol e praia” – O caso de Faro e Silves*. Lisboa: Gabinete de Estudos e Prospectiva Económica/Instituto de Financiamento e Apoio ao Turismo, 2003.
- MAGALHÃES, Ricardo – O Douro na encruzilhada da regionalização. In *Encontros na Casa da Calçada: O Douro em Debate. Actas I, Cadernos da Revista Douro - Estudos & Documentos*, 1998.
- MANSILHA, Armando – Justificação da Inscrição. In *Alto Douro Vinhateiro: Património Mundial*. Revista Semestral, Dez. Ano 2002, p. 127-191.
- MIRO, Armando – Douro, património mundial. Que fazer? In *Encontros na Casa da Calçada: O Douro em Debate. Actas II, Cadernos da Revista Douro – Estudos & Documentos*, 1999.
- MONTAIGNE – *Essais (III)*. Saint-Ammand (Cher): Presses Imprimerie Bussière, 1965.
- RIBAS, Sónia – Rota do Vinho do Porto: breve resenha histórica. In *Douro Estudos & Documentos*, Vol. VII (14) 2002 (4^o), 311-319.
- SANTA OLALLA, Begoña de – Imágenes y paisajes de la vid y el vino ? Bases para un itinerario cultural? In *Douro – Estudos & Documentos*, Vol. VII (14), 2002 (4.^o), p. 223-236.

¹⁹ A formação no quadro da Medida 2.5 tem como objectivo “promover a articulação do tecido institucional local, através da qualificação dos seus recursos humanos, promovendo o associativismo e a cultura empresarial e sensibilizando para a necessidade de qualificação dos recursos humanos, nomeadamente através da formação contínua de adultos” (CCRN 2002: 61).